

Francês desautoriza acusações a Langoni

A dívida externa brasileira já provoca cisma na diretoria do Société Générale, de Paris: em telex enviado ao presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, o presidente do quarto maior banco francês e sétimo do mundo, J. Mayoux, desautorizou as críticas do vice-presidente da instituição, Ives Laulan, às autoridades brasileiras.

Ao lamentar o tom das críticas — “as autoridades nos contam balelas há anos com ousadia, cinismo e serenidade”, conforme declarações prestadas à revista **Veja** e publicadas na edição da semana passada — Mayoux comunicou a Langoni que Laulan “não pode, nesse particular, exprimir senão seus pontos de vista pessoais e que os mesmos não se identificam, de maneira alguma, com os da Société Générale”.

Na entrevista à revista

Veja, Laulan apareceu como vice-presidente e assessor econômico da Société Générale, enquanto Mayoux afirmou que ele não passa de “conselheiro econômico”. O telex foi redigido às pressas pelo presidente do banco francês: “não pude ainda tomar conhecimento das declarações mais recentes” (de Laulan, publicadas na semana passada). Desejo, porém, dizer-vos que lamento o sentido delas”.

O vice-presidente do Société Générale — ou simples “conselheiro econômico — acrescentara na entrevista à revista **Veja**: “Há o Brasil real e o Brasil que apresentam em Paris, Londres ou Nova Iorque. Os brasileiros são sérios na falta de seriedade. As estatísticas não fazem qualquer sentido. E a imaginação contábil. Assim, um número fornecido para quantificar a massa mone-

tária, o déficit público, é verdadeiro com 30% a mais ou a menos”.

O presidente do Société Générale assinalou no telex a participação do banco no programa de ajuste das suas contas externas deste ano, inclusive no **projeto 4** — linhas de crédito interbancário; a atuação como líder em dois empréstimos sindicalizados à Eletropaulo, no total de US\$ 140 milhões, e a subscrição do aumento do capital do Banco Sogeral — onde é sócio minoritário de Naji Nahas — como demonstração do interesse da instituição em ampliar a sua presença no Brasil.

Mas Laulan já explicara que a Société Générale, prisioneiro de suas operações passadas, continua a em prestar ao Brasil, até em função de ser um banco nacionalizado por um governo socialista.